

EDITORIAL*

O conflito social está novamente aumentando em várias partes do planeta e tem como primeira consequência o questionamento das ideias dominantes e amplamente divulgadas de que finalmente a sociedade capitalista chegou a um nível de desenvolvimento que não permite mais a organização e contestação por parte das classes trabalhadoras e dos grupos oprimidos, restando somente a sobrevivência individual dentro dos espaços possíveis a cada um; a segunda consequência está em processo de formação e diz respeito ao desenvolvimento das ideias revolucionárias que subsidiem o novo ciclo de lutas. Essas duas questões estão intimamente ligadas, na medida em que o chamado processo de reestruturação produtiva desde fins dos anos 70 tratou de ser um ataque da classe capitalista contra a organização e contestação operária e estudantil nos fins dos anos 60, reação complementada pela contrarrevolução cultural e ideológica que impôs a ideia de fim da luta de classes, o que resultou na maior dispersão e integração da classe trabalhadora à ordem capitalista ao longo das últimas décadas.

Com o avanço dos conflitos sociais aumenta a necessidade da intervenção consciente dos grupos políticos que mantêm a tradição das ideias revolucionárias construídas pela classe trabalhadora ao longo de séculos de luta e enfrentamento contra a sociedade capitalista, e um dos níveis dessa intervenção deve ocorrer de tal forma que possa contribuir agilizando e aprofundando o resgate das ideias revolucionárias. As lutas revolucionárias apontaram que a destruição da sociedade capitalista ocorre por meio da associação dos trabalhadores com o controle dos locais de produção e estendendo seu controle para todos os espaços da vida social, destruindo o estado como instrumento de repressão e de reprodução do poder da classe dominante. A essa nova sociedade foi dada o nome de comunismo, anarquia ou autogestão social como a síntese maior das ideias revolucionárias produzidas pela classe trabalhadora, único projeto revolucionário de sociedade sem classes como possibilidade concreta.

* Editorial da Revista Enfrentamento. Goiânia: ano 8, nº 13, jul/dez. 2013.

Essa mais nova edição da revista *Enfrentamento* continua na luta pelo resgate das ideias e experiências revolucionárias produzidas pela radicalização do movimento dos trabalhadores; nossa ação é no sentido de contribuir para agilizar o processo de aprofundamento da perspectiva do movimento revolucionário dos trabalhadores nesse novo ciclo de lutas que se abre. Os textos que propagandecemos são uma reflexão libertária sobre o significado do conceito de autogestão social (Nildo Viana), sobre a proposta federalista de Mikhail Bakunin (João Gabriel), sobre as greves dos trabalhadores brasileiros influenciados pelo anarquismo no início do século XX (Kauan dos Santos), a visão de Neno Vasco sobre as greves em Portugal também no início do século XX (Thiago Lemos) e sobre a radicalidade da contestação juvenil na capital argentina durante o período de crise social na virada para o século XXI (Lisandro Braga).

A nossa proposta com a revista *Enfrentamento* é divulgar as reflexões libertárias para o conjunto dos setores e organizações revolucionárias em luta, expressar uma visão sobre o desenvolvimento do movimento revolucionário e como tal deve estar relacionada com nossa prática de propagandear e agir para contribuir na transformação radical da sociedade existente.

Boa leitura e disposição para a luta!